



SALÁRIOS: oito anos depois motoristas voltam à greve. *Correio Popular*, Campinas, 03
mar. 1979. f1

Salários: Oito anos depois motoristas voltam à greve

Desde 1962, esta é a primeira vez, em Campinas, que condutores de coletivos realizam uma greve geral. Naquele ano, pelo mesmo motivo (reajuste de salário) a greve foi provocada pelos operadores de bondes. Ontem, cerca de 600 motoristas de ônibus coletivos da Companhia Campineira de Transportes Coletivos — CCTC —, paralisaram totalmente suas atividades. A cidade amanheceu vazia. Apenas nos pontos centrais da cidade, bem como na periferia, observava-se, desde as primeiras horas da manhã, enormes filas de passageiros que aguardavam durante horas pela chegada de um coletivo. Com isso tudo — como explicou Ildefonso de Souza, Secretário da Administração da empresa — “quem saiu prejudicado foi a população de Campinas, que 80 por cento dela se utiliza desse meio de transporte”.

No período da manhã, dos 250 carros que deviam cumprir o primeiro turno, apenas 30 veículos saíram às ruas. Logo em seguida seus condutores começaram a deixar de circular. No período da tarde, em todos os terminais os motoristas se reuniam em grupos e discutiam o destino final da greve. A maioria deles afirmava que não aceitaria nenhuma contra-proposta por parte da empresa e que o reajuste deveria ser de, no mínimo, 20 por cento, além da manutenção do prêmio cujas reivindicações não foram atendidas anteriormente.

A maior aglomeração, entretanto, se deu em frente à garagem da empresa, na Vila Costa e Silva. Naquele local cerca de 230 funcionários aguardavam, por parte da CCTC, uma possível resposta “condizente com as aspirações dos motoristas”. Nesse local, até um pelotão de choque da polícia militar fora designado “para manter a ordem e evitar que os motoristas passassem a agredir e a atacar as instalações da companhia ou apedrejar os ônibus”, como explicou Ildefonso de Souza, Secretário Administrativo da CCTC.

ATUAÇÃO DAS OUTRAS EMPRESAS

Em virtude dessa paralisação e com a finalidade de tentar minimizar o caos provocado pela greve, o prefeito municipal, Francisco Amaral, — segundo um fiscal da Viação Campos Elíseos — pediu à empresa que auxiliasse a população dispondo de mais alguns ônibus para atuar em algumas linhas, antes feitas pela CCTC. Essas linhas são: itinerários da Robert Bosch-Vila Boa Vista, Swift, Castelo Branco, Padre Manoel da Nóbrega, Vila Marieta entre outras vilas igualmente populosas e distantes da

área central da cidade. Para essa finalidade foram colocados mais de 100 ônibus da Viação Campos Elíseos.

Segundo esse fiscal, Estênio, a paralisação dos coletivos da CCTC provocou considerável aumento na lotação de seus veículos. O mesmo se deu com a empresa de ônibus Rápido Luxo que também passou a fazer novos itinerários anteriormente feitos pela CCTC.

Segundo alguns passageiros, que se encontravam no Terminal I, “toda essa polêmica de falta de carros está provocando certo abuso por parte de alguns cobradores que afirmam não haver troco — notas de um cruzeiro — e que muitos chegam a brigar quando o passageiro dá uma nota de 10 ou de 50 cruzeiros. Por outro lado, os motoristas dessas empresas, vendo seus ônibus superlotados, deixam de apanhar passageiros em vários pontos da cidade. Nos bairros a situação é a mesma; deixam de parar num determinado ponto e não esperam os passageiros descer”.

MOTORISTAS DE TAXIS CONTENTES

Em virtude dessa greve, quem se viu contente com a situação parece que foram os motoristas de táxis. “A demanda aumentou 300 por cento” — contou um motorista do Largo do Rosário. “E, além disso, o trânsito na cidade está bastante livre, sem os atropelos dos coletivos. A gente quase não vence. E' só chegar no ponto que está uma fila enorme nos esperando”.

Por outro lado, segundo declarações de pessoas que ontem precisaram usufruir do táxi, houve abusos por parte de alguns desses motoristas. Um jovem contou que chegou pagar 25 cruzeiros por uma corrida do alto do Castelo até à Estação Rodoviária. Outras reclamações, ainda, dão conta que muitos motoristas de táxis negavam-se apanhar passageiros para corridas curtas. E, enquanto isso, nos pontos de táxis e de coletivos o caos era total, com as longas filas à espera de uma condução.

APOIO DA POPULAÇÃO

Ao que tudo indica, a população de Campinas parecia concordar com a greve dos motoristas de ônibus coletivos. Muitos achavam que se trata de uma manifestação honesta “em busca de seus direitos e não se acomodarem às pressões e desonestidades e arbitrariedades por parte de seus patrões, que só pensam em si

próprios e na expansão da empresa”. A observação é de José Otávio (não quis dizer o sobrenome), funcionário de um escritório de contabilidade, no centro da cidade.

Otávio complementa dizendo ainda que “é possível

que estejam havendo certos abusos por parte de motoristas, tanto de táxi como de ônibus, no que diz respeito à cobrança a mais nas bandeiradas e passagens dos coletivos”.



No terminal a concentração de usuários dos coletivos era grande. A expectativa enorme. Quando chegava um ônibus a correria se estabelecia numa confusão tremenda

32919

SALÁRIOS: oito anos depois motoristas voltam à greve. Correio Popular, Campinas, 03
mar. 1979. f.2

